

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JULIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS - CAMPUS BAURU
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

FERNANDA PASTORI

A IDENTIDADE CULTURAL E A EDUCAÇÃO

BAURU

2010

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JULIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS - CAMPUS BAURU
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

FERNANDA PASTORI

A IDENTIDADE CULTURAL E A EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências – UNESP, Bauru, como parte dos requisitos para obtenção do título de graduação em Pedagogia, sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Guiomar Josefina Biondo.

BAURU
2010

FERNANDA PASTORI

A IDENTIDADE CULTURAL E A EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências – UNESP, Bauru, como parte dos requisitos para obtenção do título de graduação em Pedagogia, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Guiomar Josefina Biondo.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Guiomar Josefina Biondo – orientadora

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – UNESP – Bauru

Profa. Dra. Sônia Brito

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – UNESP – Bauru

Profa. Dra. Eliana Patrícia Grandini

Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – Presidente Prudente

Pastori, Fernanda .
A Identidade Cultural e a Educação / Fernanda
Pastori 2010.
43 f. : il

Orientador:Guiomar Josefina Biondo

Monografia (Graduação)-Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2010

1. Cultura. 2. Educação. 3. Prática política.
4. Aprendizagem. I. Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus pela sabedoria a mim concedida e pela força advinda das suas mãos nos momentos mais difíceis. A minha orientadora Guiomar, por ter me ajudado e pelo ânimo sempre presente nas orientações. Aos meus pais Ide e Pastori pela ajuda incessante em todos os momentos da minha vida. Ao meu namorado e, melhor amigo, Guilherme por ter aberto mão de tantos momentos para me ajudar na construção do trabalho. E as minhas grandes amigas Hellen, Carla e Carolina pela alegria, animação e companheirismo em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

A Deus, por todas as oportunidades a mim concedidas para que chegasse até aqui. Por ter me guardado e protegido para que este dia chegasse e assim pudesse realizar meu grande sonho.

A minha orientadora Guiomar, pelo seu esforço e por ter acreditado na minha capacidade de realizar este trabalho.

A minha família, minhas queridas irmãs Claudia e Milene e principalmente meu pai Ide e Pastori por sempre estarem ao meu lado me apoiando incondicionalmente nas minhas decisões e me proporcionando toda ajuda necessária.

Ao meu namorado e, melhor amigo, Guilherme, pela paciência, carinho e ajuda que me fez acreditar na conclusão deste trabalho.

As minhas grandes amigas Hellen, Carla e Carolina pelas risadas, alegria e amizade ao longo do curso, que me motivaram a chegar até aqui.

RESUMO

A cultura está inserida em todos os meios sociais e principalmente naqueles que visam a formação do cidadão em seu todo. Sendo assim, a escola é um dos principais meios de formação e não está neutra em relação à influência da cultura na aprendizagem dos alunos. O meio social, em que o aluno está inserido, contribui, ou não, para a aprendizagem e molda o ser humano conforme as normas já pré-existentes na sociedade. Relacionar a educação com a cultura proveniente do educando, analisando-o como um todo, auxilia a entender a maneira como ele constrói seu conhecimento e como vê o mundo ao seu redor. A produção de novos saberes através do que se vê, também faz parte das práticas culturais e sociais. Em uma sociedade onde o visual é extremamente explorado, relacioná-lo com a formação do conhecimento, através do social, auxilia na compreensão da cultura como um processo de aprendizagem e a identificar o indivíduo como possuidor de uma identidade cultural com importância social. Esta pesquisa aborda como a escola tem tratado a cultura pelos diversos meios existentes e possíveis de estudo como arte, tratamento do currículo e dentro da própria sala de aula, ressaltando sua importância no contexto educacional.

Palavras-Chave: cultura, educação, prática política, aprendizagem.

ABSTRACT

The culture is embedded in all social and especially those aimed at the formation of the citizen as a whole. So the school is a major means of training and is not neutral on the influence of culture on student learning. The social milieu in which it is inserted or not contributing to great learning and shapes the human being as the pre-existing norms in society. Link education with the culture of the student from considering it as a whole helps to understand how this builds your knowledge and see how the world around them. The production of new knowledge through what we see is also part of the cultural and social practices. In a society where looks are extremely exploited and relate it to the formation of knowledge through social helps in understanding the culture as a learning process and identify the individual as having a cultural identity with social significance. This research addresses how school culture has treated the various existing and possible means of study such as art, treatment of the curriculum and within the classroom, emphasizing its importance in the educational context.

Keywords: culture, education, political practice, learning

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
Capítulo I – O QUE É CULTURA?.....	12
1.1 A cultura nos Parâmetros Curriculares Nacionais.....	14
1.2 Cultura e arte.....	17
1.3 Cultura e definição de arte.....	22
Capítulo II - A CULTURA E SEUS EFEITOS NA EDUCAÇÃO.....	26
2.1 O Currículo.....	27
2.2 A cultura e a organização pedagógica.....	29
Capítulo III - A CULTURA NO CONTEXTO EDUCACIONAL.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	41

INTRODUÇÃO

A partir de vivências em escolas da rede pública e particular é perceptível a indiferença como é tratada a questão da cultura e sua relação com a educação. Esta é uma área de estudo ainda pouco pesquisada que possui um leque de possibilidades a serem desenvolvidas e que podem ajudar no ensino-aprendizagem e na formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres. Portanto, esta pesquisa procura investigar de que maneira a cultura afeta a aprendizagem e de quais fenômenos culturais a escola se utiliza na aprendizagem das formas simbólicas.

Por meio de pesquisa bibliográfica, busco tratar os principais componentes que envolvem o conceito de cultura, sua relação com a arte, como ela é vista dentro do currículo e sua presença no contexto escolar.

A cultura rege todos os aspectos de formação de uma sociedade como comportamentos, pensamentos, expectativas e inclusive a educação formal ou informal. Ao mesmo tempo em que as culturas preservam tradições, elas também integram tradições de outras culturas e de outros povos, formando um intercâmbio de usos, costumes, tradições, alimentos etc.

Como então, um aspecto tão importante da formação social do todo indivíduo, poderia não influenciar na formação e na identidade cultural do indivíduo e da sociedade em que vive?

A cultura em uma sociedade pode ser vista de diversas formas, sobre diversos olhares. Portanto, a proposta deste trabalho é não focar a cultura isoladamente da educação, ou apenas relacioná-la com a aprendizagem, mas propor novos olhares para a educação, inclusive com a cultura visual que é vista como ponto central nos processos de ensino e aprendizagem, e por meio da qual os significados são produzidos em contextos culturais.

Essas maneiras de como olhamos o mundo geram representações e valorizações diferentes da cultura. Não existe uma cultura superior a outra, entretanto, existem olhares e valores diferentes apresentados. As sociedades se modificam, evoluem, passam por crises de valores e econômicas, porém a cultura permanece. Apesar da globalização ser algo presente em nosso cotidiano, cada povo tem sua identidade orientada pela sua cultura e isso não se desfaz nem com a evolução das máquinas e nem com a evolução da tecnologia.

Muito se relaciona a cultura com a arte, principalmente no campo educacional. Pouco se considera que a cultura está presente em todas as disciplinas, nas metodologias, nas

avaliações, na estrutura organizacional e outros. Nas artes, ela pode ser explorada de diversas formas, visando uma formação ampla, diferenciada, capaz de levar o aluno a refletir por meio do que ele vê. Mas arte é muito mais relacionada com cultura pela sua questão interpretativa de tudo o que se considera arte. Essas manifestações culturais, geralmente representadas da forma visual, são vistas como objetos artísticos que adquirem sentidos a partir da experiência cultural e pessoal de cada indivíduo. Desse aspecto, cabe a interpretação pessoal de cada um (inclusive a do artista) e as relações que o público faz com esses objetos.

No processo de ensino-aprendizagem, como já foi citado, a cultura tem um enfoque social. O meio, os usos, os costumes e as crenças vão, de forma significativa, reger a maneira como a criança na sala de aula irá interpretar o conteúdo passado (que também sofre por essa influência) e no como ele será utilizado fora da escola. Cria-se então um ciclo, por isso a importância da relação entre cultura e escola, esta que é uma grande desencadeadora da cultura em todos os ambientes. A cultura organiza o currículo em seu aspecto geral, mesmo porque, está presente nos alunos, professores, nas aulas e na comunidade escolar.

Desse modo, este trabalho está organizado em três momentos. O primeiro, conceituando a cultura. Segundo o teórico Clifford Geertz, a cultura não é um complexo de comportamentos, mas pode ser vista e estudada como um mecanismo de controle, com planos regras, receitas e instruções para se governar o comportamento. Roque Laraia complementa dizendo que o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado e herda essa cultura construída ao longo do tempo por um processo acumulativo. Morin também fala da cultura como constituída de crenças, fazeres, regras, idéias e valores. E de modo a compreender como a cultura se encontra no meio escolar, incluímos o Parâmetro Curricular Nacional que, na versão estudada, trata dos temas Pluralidade Cultural e Orientação Sexual no mesmo exemplar, para os dois primeiros ciclos do Ensino Fundamental (de primeira à quarta série). Apresentamos uma análise do tratamento da cultura neste documento, os objetivos a serem alcançados a partir deste tema e seu relacionamento com as demais disciplinas. Ainda dentro deste primeiro momento, tratamos da questão cultural envolvida na arte, sua representação nos quadros de grandes pintores como Picasso e Renoir e a história cultural contada por meios de suas obras.

O segundo momento deste trabalho trata da cultura e seus efeitos na educação, destacando o currículo, a presença da cultura em sua organização e a própria organização pedagógica planejada por meio da cultura. Seguindo os preceitos dos teóricos Fernando Hernández, que busca novos olhares para o planejamento disciplinar em função da cultura, principalmente da cultura visual e, Tomaz Tadeu da Silva, que aborda a ideologia presente no

currículo e a organização política da cultura dentro da escola. Os estudos de Henry Giroux servem de base para o autor que defende que o currículo é local de criação de significados sociais.

O terceiro momento foi dedicado à cultura no processo da alfabetização e as funções do pedagogo, como também seu papel na comunidade escolar. Neste caso, o termo utilizado é o alfabetismo crítico, defendido por Douglas Kellner, similar ao que o brasileiro Paulo Freire defendeu como tendência pedagógica para uma emancipação do estudante. Utilizamos também Fernando Hernández e suas propostas para o tratamento da cultura na escola e, Tomaz Tadeu da Silva, que defende o papel político do pedagogo dentro da escola.

Valorizar a cultura não é apenas mostrar como ela está presente, mas vê-la como um quesito essencial e participante da formação social e educacional de todo indivíduo.

CAPÍTULO I – O QUE É CULTURA?

Dentro da perspectiva do que é cultura e qual a sua relação com a educação, muito se pode pesquisar e analisar na literatura existente em que o tema é tratado, apesar de ser um tema recente e consideravelmente pouco estudado. Desta maneira, faz-se importante um estudo que relacione a cultura com a educação e como ela é tratada dentro da escola.

Em um mundo onde as mídias visuais são cada vez mais exploradas, vê-se que a escola não tem dado o real valor a educação cultural pelo o que vê e, não consegue desenvolver no aluno, um olhar diferenciado. Preocupa-se apenas com o ler e escrever, esquecendo-se que estamos cercados de informações e precisamos aprender a interpretá-las, e ir mais além da simples interpretação visual.

Pode-se ver que ocorre uma nova necessidade de educação: aquela que suprima a necessidade de formar cidadãos aptos para compreender a sociedade em que vivemos, que está baseada no que se vê.

Dentro do que se considera cultura, como por exemplo, as crenças, mitos, costumes, saberes, regras, dentre outros, a escola também possui o seu conjunto cultural. O aluno, ao freqüentar a escola, chega até ela com uma bagagem cultural trazida de casa e entra em contato com a cultura presente no currículo e, este aluno também está em constante contato com a cultura divulgada pela mídia, pelas trocas com os colegas e pelos demais meios em que convive. Para Morin (2002, p. 56):

A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não há sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas.

Mesmo antropólogos pesquisadores do tema cultura divergem ao tentar definí-la e mostrar como ela age dentro da sociedade. Para Clifford Geertz (1973), a cultura não deve ser vista como um complexo de comportamentos concretos, mas, um mecanismo de controle, planos, receitas, regras e instruções para governar o comportamento. O autor defende que a antropologia busca interpretações, o que no caso para o estudo da cultura é uma forma de analisá-la sem atribuir julgamentos ou preconceitos.

A divisão social realizada pela cultura é um dos pontos que faz com que ela seja tratada com tanta dificuldade e desvalorizada dentro da escola. A cultura pode tanto unir quanto separar as pessoas. Por meio de uma imposição ou dominação, ela vira um modo de controle de pensamento, conhecimento e das manifestações pertencentes a cada povo. É evidente que existe uma cultura dominante que é empregada por aqueles que detêm um maior poder de dominação sobre um povo, quer seja por dinheiro, ideologia, política, religião conhecimento e toda outra forma que possa exercer algum domínio. Assim, a cultura é uma forma de exercer poder, domínio, de excluir ou de incluir, depende da forma como é utilizada e apresentada para as pessoas.

Segundo Benedict (1972, p. 16 *apud* LARAIA, 2009 p. 67) “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo”, assim diferentes culturas possuem diferentes lentes. Essa maneira como enxergamos o mundo e, reagimos diante das situações, fazem parte da herança cultural que recebemos durante toda a nossa vida. Não nascemos sabendo como nos comportaremos, mas, aprenderemos conforme o passar do tempo e esse comportamento, poderá gerar, através da herança cultural, diversos tipos de preconceitos para com culturas e práticas já existentes. “A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade”.

Se o cidadão tem o poder de moldar o seu meio, o meio também pode moldar o cidadão. Ocorre uma influência flexiva em que, ambas as partes, contribuem para a formação tanto de um quanto do outro. Por isso, o indivíduo não é indiferente ao meio em que vive, por mais distante que esteja de tudo aquilo que é visto como caracterizador da cultura, ele de alguma forma, contribui para sua manutenção ou extinção. Assim,

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura. (LARAIA, 2009, p. 68).

Isso fica exemplificado no aspecto consumista que vem sendo incorporado na cultura da maioria das sociedades. O sistema econômico vigente em determinados países, contribuem para a formação da cultura do seu povo. A divisão das classes sociais mostra que, apesar de haver uma cultura geral em um determinado país, sociedade ou povo, os fatores econômicos e sociais vão influenciar no modo como as pessoas vivem e interpretam sua cultura.

Não existe nenhum aspecto da vida humana que a cultura não toque e altere: o modo como os indivíduos se expressam (incluindo demonstrações de emoções), a forma como pensam, o modo como se movem, como resolvem os problemas, como planejam suas cidades, como funcionam se organizam os sistemas de transportes, assim como a forma em que os sistemas econômicos e estatais se estruturam e funcionam e, também, os sistemas de tempo e espaço. (BONAZZI; ECO, 1980, p.82)

Atualmente, o poder de consumo e a intelectualidade são parâmetros de classificação de grau de cultura em nossa sociedade. As pessoas que possuem melhores condições financeiras e um maior grau de instrução são vistas como detentoras de uma melhor cultura. A cultura é algo tão abrangente e tão grande, que está presente em tudo o que fazemos em nosso dia-a-dia, por isso é impossível desconsiderar a cultura presente nos meios mais simples e humildes, das pessoas que pouco foram à escola e que vivem nos lugares afastados dos grandes centros de consumo, pois, elas também contribuem para a continuidade da transmissão das crenças, valores, costumes e rituais pertencentes ao seu povo. Isso faz com que o povo não perca a sua característica mais marcante que é a cultura que cada um carrega dentro de si. Por mais que se aprenda a língua de outros países, por mais que vivamos nesses outros países, sempre se carregará a cultura que há em nós que nos fez tornar-nos cidadãos reconhecidos do país em que nascemos e vivemos.

1.1 A cultura nos Parâmetros Curriculares Nacionais

A cultura nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) é tratada de forma separada das disciplinas básicas (Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências, Arte, Educação Física) em um exemplar diferenciado que trata sobre Pluralidade Cultural e Orientação Sexual. Isso já mostra o quanto a cultura não é vista como algo presente em todos os momentos dentro da escola, já que ela é tratada separadamente dos outros PCNs que tratam das disciplinas comuns. O tema cultura deveria ser trabalhado em todas as disciplinas, já que é algo intrínseco em todas as nossas atitudes, inclusive, na transmissão do conhecimento e no aprendizado.

Ao tratar da Pluralidade Cultural, os PCNs introduzem o tema mostrando os diversos enfoques sob os quais a cultura é vista. Primeiramente, sobre o ponto de vista jurídico, que estabelece princípios éticos e dos direitos dos cidadãos como o respeito, justiça, dignidade,

entre outros presentes na Constituição Federal. Neste ponto, uma das maiores preocupações do documento é o combate à discriminação, que segundo ele, é um dos papéis que a escola deve cumprir: o de construir novos valores e não dar continuidade à discriminação presente nos mais variados meios sociais.

Pela idéia passada pelos PCNs para se compreender como a cultura é inserida e tratada dentro das escolas, é necessário que antes se faça uma análise da ocupação do território brasileiro, desde a sua colonização à imigração, pois vários destes aspectos influenciam até hoje em um preconceito em relação às culturas dos povos que formam o Brasil, como os negros e índios. Ambos tiveram seus direitos e suas culturas negadas pelos colonizadores portugueses e foram obrigados a seguir tudo o que era imposto pelos europeus, visto que essa era a cultura predominante. Este é um exemplo da relação entre a cultura e o poder, já que por meio da imposição da cultura européia, os índios, principalmente, perderam sua identidade, eram discriminados e obrigados a abrirem mão de suas crenças para não serem mortos e massacrados pelos povos colonizadores.

De acordo com os PCNs, a escola deve combater a discriminação que ocorre com os descendentes dos negros e indígenas, não agravando a injustiça que tais povos sofreram por todo esse tempo e ainda sofrem. A escola e o professor devem estar preparados para educar e formar cidadãos nesse meio desigual em que vivemos, porém, a escola não atua sozinha como um agente transformador, é preciso que na sociedade também haja uma luta por igualdade entre todos, não só para determinadas cor de pele, porque todos, independentemente da cor, somos afetados pelas desigualdades, discriminação, preconceitos e injustiças.

Estudando todo o texto dos PCNs sobre a Pluralidade Cultural, observei que a maior preocupação presente está em corrigir as desigualdades atuais e as do passado, pelas etnias que habitaram o Brasil desde o seu descobrimento. A visão do texto é que a dívida que temos com os negros e índios só pode ser quitada pela educação. Mas, refletindo sobre a estrutura dos PCNs, que não é reflexiva e nem busca por meio da cultura promover igualdade, chego a conclusão de que o texto apenas maqueia o sentido da cultura que exerce muito mais poder dentro da escola do que está descrito.

A sugestão do trabalho do professor dentro da sala de aula com a pluralidade cultural é até de certa forma útil, pois o professor deve observar seus alunos, interagir com eles e suas respectivas culturas, respeitá-las e construir o respeito mútuo dentro da sala. Mas, apesar do discurso aproveitável, os PCNs são pouco críticos em relação ao papel da escola sobre a cultura. A escola é campo onde as culturas se miscigenam e o trabalho de dentro da sala de aula deve ser o mesmo de toda a escola. A evidenciação da palavra respeito presente no texto

passa a impressão, às vezes, de conformidade, todos se respeitam, mas ninguém faz praticamente nada para que todos tenham os mesmos direitos. Esse papel político da pedagogia deveria aparecer dentro do corpo do texto dos PCNs, pois é também papel do pedagogo ensinar o aluno a refletir, compreender o motivo das diferenças sociais e culturais e oferecer caminhos para que tenha melhores oportunidades de extensão cultural e social.

Valorizar, conhecer, reconhecer, compreender, respeitar são verbos que fazem parte dos objetivos e capacidades a serem desenvolvidas nos PCNs de Pluralidade Cultural, mas descritos em tom de conformidade e passividade para reproduzir as diferenças impostas pela sociedade. Nas citações dos objetivos: “desenvolver uma atitude de empatia e solidariedade para com aqueles que sofrem discriminação; repudiar toda discriminação baseada em diferenças de raça/etnia, classe social, crença religiosa, sexo e outras características individuais ou sociais” (BRASIL, 1997, p. 43). A intenção dos objetivos é bem clara e correta para com as desigualdades, porém quais vias ou caminhos a escola deve oferecer para que o aluno tenha essas atitudes? O que está disposto nos PCNs é claro em relação ao que se deve ser trabalhado ou desenvolvido no aluno, mas falho em relação ao que a escola deve oferecer, como agir e como realmente colocar em prática a convivência com a pluralidade cultural.

Na segunda parte do documento, os conteúdos a serem abordados são elencados. São abordados quatro temas e os conteúdos que deverão ser trabalhados dentro de cada um. Os temas são: Espaço e Pluralidade; Tempo e Pluralidade; Vida sociofamiliar e comunitária e Pluralidade e Educação. Todos os temas e conteúdos são praticamente relacionados com as disciplinas de História e Geografia para que ocorra uma contextualização da cultura nos diversos enfoques. Melhor seria se cada um dos PCNs e sua respectiva disciplina já abordassem a questão cultural, sem divisões oficiais, e não como uma disciplina com este nome, mas que fosse abordada nos momentos oportunos, em análise de acontecimentos, no tratamento de notícias em sala de aula.

Os Estudos Culturais também argumentaram, de forma correta, em favor da importância de se analisar a história não como uma narrativa linear, vinculada de forma não-problemática ao progresso, mas como uma série de rupturas e deslocamentos. A História, neste sentido, torna-se descentrada, mais complexa e difusa. Em vez de tomar a história dentro dos limites de uma tradição estreitamente definida, os/as professores/as podem nomear e discutir as múltiplas tradições e narrativas que constituem as complexas e multi-estratificadas construções, desdobramentos e usos da identidade nacional. O ganho pedagógico de uma abordagem desse tipo é que ela torna disponível aos/às estudantes aquelas narrativas, histórias locais e memórias subjugadas que foram excluídas e marginalizadas nas interpretações dominantes da história. (GIROUX, 2001, p. 99)

Por exemplo, na disciplina de Língua Portuguesa na análise de uma reportagem ou uma notícia que tratasse sobre uma reserva indígena, a demarcação ou um embate entre índios e fazendeiros. Isto poderia ser tratado nesta disciplina, tanto a questão estrutural do texto, seus aspectos gramaticais e os fatos acontecidos naquela notícia, como qual é o interesse dos fazendeiros, porque eles querem tirar as terras dos índios e muitas outras questões que podem ser exploradas.

Sem dúvida é de extrema importância que o aluno compreenda a formação do povo brasileiro, sua caminhada até os dias de hoje, como se formou essa cultura brasileira que foi o resultado da mistura das culturas européias, reflita sobre as mudanças ao longo dos tempos e saiba analisar os avanços e regressos ocorridos no tratamento da cultura e da educação.

1.2 Cultura e arte

A arte é uma das formas mais marcantes para se representar a cultura de um povo. Pintores famosos, escultores e artistas retratavam em sua época com personalidade nos traços, aquilo que a sociedade estava vivendo, como as guerras, doenças, festividades, entre outros. São nos momentos de grandes acontecimentos culturais e sociais que os pintores mais conseguem inspiração e retratam por meio de sua arte essas situações. Cito Pablo Picasso, um grande artista plástico espanhol, ao pintar a tela chamada de “*Guernica*” nela, está retrata o horror de um bombardeio sofrido pela cidade que dá nome à pintura, na Primeira Guerra Mundial, em meio a Guerra Civil Espanhola. É um quadro que retrata o desespero da cidade espanhola após o ataque. O interessante é que mesmo em uma retratação de guerra, Picasso não se esqueceu de colocar símbolos culturais em seu quadro. Pode-se observar claramente a presença de um touro, animal que simboliza a cultura espanhola, devido às touradas que acontecem no país. Há também uma espada, como aquelas enfiadas no touro para seu abate ao final da apresentação com o toureiro. Tudo isso simboliza que Picasso queria evidenciar que aquela situação havia ocorrido na cidade da Espanha.



Figura 1: Pablo Picasso – Guernica – 1937

Fonte: <http://www.integralworld.net/martin-smith2.html>

Outro grande artista do século XIX, que fez parte do movimento impressionista, foi Pierre Auguste Renoir, que em seus quadros retratava a sociedade com um olhar mais belo e menos crítico, mas não menos interessante. Ele importava-se mais com a impressão que a realidade lhe causava em um determinado momento, assim, suas obras são registros de momentos cotidianos, mas com uma expressividade no olhar que marca a naturalidade com que a cena foi pintada. É interessante observar nas obras de Renoir, a retratação que ele faz da infância entre os séculos XIX e XX. Philippe Ariès foi um estudioso sobre as fases da infância e adolescência a partir da Idade Média em que o sentimento de infância ainda não existia. Ele se utilizou de diversas pinturas em tela para analisar e descrever como era a infância durante as Idades Média, Moderna e Contemporânea. Um dos quadros mais famosos de Renoir mostra como a cultura da não existência do sentimento de infância era comum nas pinturas naquela época. Àries traça uma análise nas pinturas através dos trajes das crianças e das poses que elas faziam para que o retrato fosse pintado. A partir dessa análise, o autor conclui que as crianças se vestiam como adultos e se comportavam como tais, não havendo uma identidade infantil que diferenciasse as crianças dos adultos.

Na figura abaixo, vemos a obra de Renoir intitulada de “*A Girl with a Watering Can*”, em que uma criança com vestes pesadas e caracterizadas como de adulto, rega um pequeno jardim com um regador. Para a época, esse era o comportamento infantil esperado: que ficassem quietas e tivessem atitudes formais. Atualmente, a pintura de uma criança regando um jardim seria um registro informal, na qual que a criança estaria com roupas confortáveis e apropriadas à sua idade e divertindo-se fazendo tal gesto.



Figura 2: Pierre-Auguste Renoir – A Girl with a Watering Can – 1876

Fonte: <http://www.maguetas.com.br/impressionismo/renoir/>

Ariès (1981) em seu livro *História Social da Criança e da Família* analisa pinturas de Philippe de Champaigne, que fazia diversos retratos de famílias nobres da época. No quadro abaixo está retratada a família Harbert, em que o foco da análise são as roupas das crianças retratadas. Em seu livro Ariès descreve:

Essa pintura é preciosa para nosso estudo, pois o artista inscreveu a idade precisa, incluindo os meses, de cada um em seus modelos. O mais velho, de dez anos, já se veste como um homenzinho, envolto em sua capa: na aparência, pertence ao mundo dos adultos. Apenas na aparência, sem dúvida, pois ele deve freqüentar os cursos de um colégio, e a vida escolar prolonga a idade da infância. Mas o menino certamente não continuará no colégio por muito tempo, e o deixará para se misturar aos homens cujo traje já veste e de cuja vida logo partilhará nos campos militares, nos tribunais e no comércio. (ARIÈS, 1981, p. 33)



Figura 3: Philippe de Champaigne - The Habert de Montmort Children, 1649

Fonte: <http://www.myartprints.com/a/de-champaigne-philippe/the-habert-de-montmort-ch.html>

Por meio da arte, nos tempos mais remotos, podia-se observar como era a cultura em relação à infância. A própria educação escolar também é analisada pelo autor, já que as crianças não tinham direito algum e nem sequer eram reconhecidas. A arte teve um papel fundamental para que hoje pudéssemos reconhecer a evolução da infância e do que é ser criança. Sem essas retratações ficaríamos apenas com o imaginário de como era ser criança na Idade Média e de como culturalmente as sociedades evoluem no tratamento e na valorização de determinadas fases da vida.

No final do século XIX, poetas e artistas passaram a ver a infância como paradigma do ato criativo. Não estavam mais interessados na reprodução do mundo infantil, mas em retornar, de certa forma, à percepção primeira, sem preconceitos, atribuída às crianças. Para alguns dos mais importantes artistas do século XX, como Klee, Kandinsky, Miró e Calder, o impulso lúdico - ou impulso para o jogo - não era apenas característico da infância. Seguindo as reflexões do poeta e filósofo romântico alemão, Friedrich Schiller, esse impulso também seria jogo estético e, portanto, artístico; seria atributo do homem e, mais do que isso, o definiria enquanto ser livre e espiritual. Para boa parte dos artistas modernos, portanto, a arte tornou-se sinônimo de espaço lúdico, compartilhando com o universo infantil o território da livre expressão.



Figura 4: Retrato de Dom João IV, Duque de Bragança, Pedro Américo (pintor), 1879

Fonte:

http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Imagens/Imagens_site/cultura/espaco/infancia/pedro_americo.jpg



Figura 5: Van Dick, "Charles II and his Siblings"- 1637

Fonte: <http://tudordughter.blogspot.com/>

A escola torna-se o meio pelo qual o aluno será apresentado ao mundo das artes e sua interpretação não pode estar apenas ao que se vê em visitas a museus, mas interpretar com mais profundidade, enxergar a representação cultural de um povo através da arte.

As aulas de artes não costumam tratar esse aspecto cultural por detrás das representações culturais, uma interpretação mais profunda que leve a reflexão e ao conhecimento do autor da obra e sua maneira de expressar-se perante o mundo. Os novos olhares propostos pelos artistas devem ser incluídos nas aulas, afim de que ocorra um maior conhecimento da diversidade cultural

1.3 Cultura e definição de arte

A definição de arte está muito aquém do que as escolas costumam passar aos seus alunos. Ela é vista como algo distante, apenas abstrato, parado e acabado, presa a molduras e paredes. Não nos é transmitido, na escola, que a arte está sempre em movimento, que ela é feita e desfeita, produzida em vários momentos e que sua definição não está resumida ao que é erudito. As autoras Barbosa e Coutinho definem a arte como cultura em dois níveis:

No Ocidente, várias maneiras de pensar e organizar os fenômenos culturais coexistem e são mais ou menos concorrentes. Todas representam a cultura como uma inclusão de dois ou três níveis em interação. O nível mais genérico compreende o conjunto de atividades materiais e simbólicas desenvolvidas pelos humanos, ao passo que o segundo nível – incluído no primeiro – concerne unicamente às atividades materiais simbólicas especializadas na produção, na recepção e no consumo do luxo, do divertimento, do jogo, de prazeres e experiências estéticas. O conjunto das produções que compõem esse nível mantém relações de dependência ou de cooperação com os poderes econômicos, políticos e sociais. (DARRAS, 2008, p. 25)

Dentro da concepção de cultura, ainda pode-se traçar um terceiro nível, que é o nível mais compreendido e aceito como cultura.

Certas concepções teóricas e ideológicas definem um terceiro nível, considerado uma hiper-realização do segundo ou uma emanção relativamente autônoma que resulta do cruzamento de certas práticas culturais com as dimensões metafísicas, espirituais e intelectuais da cultura.[...]Para grande parte da população, só esse nível merece ser chamado de cultura e as outras produções humanas não passam de costumes, de atividades de prazer e de distração; resumindo, não passam de incultura (BARBOSA; COUTINHO, 2008, p.25)

Assim, a concepção de arte é altamente restringida ao que é intelectual, pois os valores concedidos ao que é arte são determinados pela elite burguesa, que torna o erudito inacessível aos que não fazem parte desta classe. A arte torna-se cada vez mais distante das classes menos favorecidas economicamente, pois gera uma redoma sobre o que é belo e culto para poucos, e o que é popular é para o resto que não se enquadra na classe burguesa.

Em um país com tantas mazelas sociais, tantos problemas na educação, escolas que não conseguem fazer com que seus alunos aprendam a ler e a escrever, porque se preocupar em defender um melhor ensino de artes?

O ensino de artes no Brasil ainda é pouco difundido, ainda estamos presos aos modelos tradicionais de arte e cultura, em padrões pré-estabelecidos de beleza em que só esses padrões são aceitos como participantes da cultura. A cultura popular é vista como inferior ou desqualificada por isso muitas vezes é excluída dos estudos sobre a cultura brasileira.

A escola deve promover uma abertura, uma aceitação sobre todos os tipos de artes realizadas no país. Proporcionar ao aluno um conhecimento do seu próprio país, por meio das artes e engrandecendo seu repertório cultural, é abrir novos caminhos e novos olhares para um ensino de artes mais rico e profundo. Há muitos universos que a escola pode explorar e trazer para a realidade do aluno. Atualmente, algumas escolas estaduais as quais tenho acesso, começaram a trabalhar com a grafiteagem como difusão de arte. Utilizam desta técnica de desenho e pintura para atrair os jovens estudantes da escola e os da comunidade em geral. É uma forma de ensinar uma cultura que está sendo inserida na cultura brasileira, já que atrelada a grafiteagem está o Hip hop, um estilo de música e dança, original dos Estados Unidos, que surgiu naquele país nas comunidades jamaicanas, latinas e afro-americanas. Aqui, pode ser analisada como um estilo de arte usada para afastar jovens e crianças das pichações e depredações.

Chama atenção quando se convive com o cotidiano de diferentes escolas, como são homogêneos os rituais, os símbolos, a organização do espaço e dos tempos, as comemorações de datas cívicas, as festas, as expressões corporais etc. Mudam as culturas sociais de referência mas a cultura da escola parece gozar de uma capacidade de se autoconstruir independentemente e sem interagir com esses universos. É possível detectar um “congelamento” da cultura da escola que, na maioria dos casos, a torna “estranha” a seus habitantes. (CANDAUI, 1998, p. 183 *apud* RICHTER, 2003, p. 133)

O que Candau quer dizer é que, mesmo com tantas mudanças sociais e culturais, a escola parece não acompanhar este ritmo e não evoluir, ficando presa aos moldes tradicionais de representações culturais. Esta idéia de trabalho com grafiteagem ainda não é desenvolvida em muitas escolas, pois, deve haver um projeto por detrás desta iniciativa, envolvendo toda a escola, um projeto com objetivos e, organizado para que a idéia não vire substituição de aulas e conteúdos e nem como uma atividade de passatempo.

As datas comemorativas são sem dúvidas um dos momentos que mais me chamam atenção dentro da escola. Não consigo entender como, no ano de 2010, ainda no Dia do Índio, as crianças apenas aprendam a cantar a música dos “Dez Índiozinhos” e pintam um cocar que, será recortado pela professora e, mais tarde colocado nas crianças, além também da pintura no rosto. É um desrespeito com a cultura indígena, que é passada de maneira simplória, como se os índios vivessem muito distantes de nós e como se todas as tribos fossem iguais. Dificilmente a escola trabalha a fundo as questões políticas e sociais que envolvem os índios na atualidade. Demarcações de terras, direitos, trabalho, saúde e educação são assuntos que fazem parte da vida indígena, pois eles são civilizados e possuem direitos assim como nós brancos. A cultura do homem branco também faz parte das aldeias espalhadas pelo país e não se pode passar a idéia de que os índios são aqueles mesmos do descobrimento do Brasil. A escola, que deveria mudar esta idéia começando pelas crianças, acaba reproduzindo o pensamento preconceituoso existente na sociedade e dando continuidade a exclusão deste povo que passa por tantas injustiças.

As artes visuais são hoje um dos meios mais modernos e que estão em evidência no cenário do ensino de artes. Vivemos em uma sociedade em que a imagem é tudo e tudo está reduzido a ela. Assim, temos uma cultura visual em que, o símbolo e o estético são interpretados e expressam nossa cultura de uma forma menos tradicional. Essa perspectiva de cultura e artes visuais “[...] vai além de experiências de apreciação, de prazer estético ou de consumo que a cultura visual pode proporcionar, suscita uma compreensão crítica do papel das práticas sociais do olhar e de representação visual, de suas funções sociais e das relações de poder às quais se vincula”. (HERNÁNDEZ, 2007, p. 40)

As representações das artes visuais são um meio de compreensão da realidade social, expressão do diferente e quebra de paradigmas do que é cultura. Assim, Arthur Efland (2004, p. 229 *apud* HERNÁNDEZ, 2007, p. 40) diz:

A função das artes através da história cultural humana foi e continua a ser uma tarefa de “construção da realidade”. As artes constroem representações

do mundo, que podem ser acerca do mundo real ou sobre mundos imaginários que não estão presentes, mas que podem inspirar os seres humanos à criação de um futuro alternativo para si próprios. Muito do que constitui a realidade está construído socialmente, incluindo coisas como o dinheiro, a propriedade, o matrimônio, os papéis de gênero, os sistemas econômicos, os governos e os males como discriminação racial. As construções sociais que encontramos nas artes contêm representações dessas realidades sociais. Portanto, o objetivo de ensinar arte é o de contribuir para a compreensão da paisagem social e cultural da qual faz parte cada indivíduo.



Figura 6: Cândido Portinari, Os Retirantes, 1944

Fonte: <http://esteticaarte2009.blogspot.com/2009/08/expressionismo.html>



Figura 7: Sebastião Salgado, Sem título, ensaio A lua pela terra, 1983.

Fonte: <http://precodebanana.wordpress.com/page/2>

CAPÍTULO II – A CULTURA E SEUS EFEITOS NA EDUCAÇÃO

Sem dúvida a escola, junto com a família, é uma das principais transmissoras e mantenedoras da cultura existente em uma sociedade. O maior problema para a escola é como organizar a transmissão dessa cultura sem que se valorize mais o conteúdo das disciplinas e desvalorize os temas culturais e do cotidiano. Como a escola pode transmitir cultura sem que ocorra um julgamento, mas também que essa cultura ajude a formar cidadãos melhores e conhecedores da cultura em que estão envolvidos?

Tudo que nos preocupa no momento é se podemos apenas através da educação, garantir a transmissão de cultura numa sociedade em que alguns educadores parecem indiferentes às distinções de classe, e da qual outros educadores desejam remover totalmente essas distinções. De qualquer maneira, há o perigo de interpretar “educação” de modo a abranger muito e muito pouco: muito pouco quando, quando implica que a educação deve limitar-se ao que pode ser ensinado; muito, quando implica que tudo o que vale a pena preservar pode ser transmitido por ensinamento. (ELIOT, 1988, p.63)

A organização pedagógica da escola deve sempre preocupar-se em organizar essa transmissão cultural sendo algo atraente e que realmente traga uma nova maneira de olhar e interpretar o mundo. Crianças e jovens estão em contato com diferentes representações culturais e há uma evolução constante no que se é apresentado como cultura. A escola deve acompanhar o ritmo que as novas mídias impõem a nova cultura, pois, elas alcançam o público jovem e infantil mais rapidamente.

[...] Entretanto nos últimos 20 anos foram se constituindo uma série de campos disciplinares, como os estudos culturais, dos meios, da cultura visual, etc., que se utilizam de noções e abordagens metodológicas que possibilitam representar e compreender problemas novos ou até agora silenciados na Escola. Problemas como a relação dos jovens com os novos saberes e com a criação de novas expressões de subjetividade (por meio, por exemplo, dos espaços na Internet, ou de sua relação com a música e as imagens); também com os novos valores estéticos e de relação com a realidade (como os que derivam da possibilidade de acesso análise, apropriação, transformação, criação, reprodução de imagens, sons e estratégias de apresentação). Formas de relação às quais se tem acesso não apenas como passatempo, mas mediante a imersão em indústrias culturais às quais muitos jovens procuram e das quais fazem parte, mas que não são levadas em conta pelos docentes planejadores e responsáveis pelas políticas educativas. Campos que ficam excluídos do currículo ou que fazem presentes nas salas de aula de maneira anedótica e ocasional. (HERNÁNDEZ, 2007, p.36)

Esse contato com as mais diversas indústrias culturais faz com que novas referências apareçam e sejam reconstruídas pelas crianças e pelos jovens. A facilidade no acesso as mais

diversas formas de cultura e a demora com que a escola trata a importância do assunto, faz com que as crianças enxerguem a escola como um ambiente isolado e não envolvido neste tema cultura. O aluno demora ou não percebe o envolvimento cultural que a escola proporciona (ou deveria proporcionar) a ele e, por isso, não consegue relacionar os conteúdos escolares com a cultura presente no seu cotidiano e nas mídias impressas e televisivas.

2.1 O Currículo

A questão curricular que norteia sua relação com a cultura é a de que como a escola tem formulado, usado e adequado seu currículo e como o tem relacionado com a visão cultural de seus alunos. O currículo é uma forma de poder dentro da escola, e porque não de controle ideológico também. Por detrás dele, está tudo aquilo que a escola deve passar para seus alunos nas entrelinhas dos conteúdos, uma amarração entre os conhecimentos de todos os que formam o corpo escolar.

Se ideologia e currículo não podem ser vistos separados na teorização educacional crítica, cultura e currículo constituem um par inseparável já na teoria educacional tradicional. Nessa visão, que é a educação e, em particular, o currículo, senão uma forma institucionalizada de transmitir a cultura de uma sociedade? (MOREIRA; SILVA, 2002, p. 26)

Dentro de linhas pedagógicas diferentes, há visões diferentes da transmissão cultural, por meio do currículo. Como citado no parágrafo acima, em uma visão educacional tradicional, a transmissão de cultura é vista como algo incontestado e unitário, enquanto em uma visão mais crítica, a transmissão de cultura é vista como um campo e não como um objeto de transmissão pelo currículo, um campo com diferentes conflitantes com concepções diferentes da vida social.

Na tradição crítica, a cultura não é vista como um conjunto inerte e estático de valores e conhecimentos a serem transmitidos de forma não-problemática e uma nova geração, nem ela existe de forma unitária e homogênea. Em vez disso, o currículo e a educação estão profundamente envolvidos em uma política cultural, o que significa que tantos campos de produção ativa de cultura quanto campos contestados. (MOREIRA; SILVA, 2002, p.26)

Dentro dos enfoques diferentes entre a cultura e o currículo, o que mais deve ser observado e, é um motivo de preocupação é se a transmissão da cultura por meio do currículo

visa reproduzir as desigualdades sociais ou visa abrir oportunidades para valorização da cultura presente em cada meio escolar e de seus alunos, tornando possível uma leitura real e sem preconceitos de todos os que fazem parte da escola.

De acordo com SILVA (2004), um dos grandes pesquisadores sobre teorias de currículo foi Henry Giroux, seu foco tem sido a análise mais cultural do que educacional do currículo, o que faz com que ele analise profundamente os aspectos sociais também envolvidos no currículo.

Na análise de Giroux, as perspectivas dominantes, ao se concentrarem em critérios de eficiência e racionalidade burocrática, deixam de levar em consideração o caráter histórico, ético e político das ações humanas e sociais e, particularmente, no caso do currículo, do conhecimento. Como resultado desse apagamento do caráter social e histórico do conhecimento, as teorias tradicionais sobre currículo, assim como o próprio currículo, contribuem para a reprodução das desigualdades e das injustiças sociais. (SILVA, 2004, p.51)

Giroux (2004) foi um grande defensor e um dos primeiros a se utilizar das teorias críticas dos currículos em seus estudos. Ele não se conformava com submissão dos jovens em relação aos acontecimentos sociais, inclusive os que freqüentavam a escola e mesmo assim não possuíam um posicionamento diante das situações. “A vida social em geral e a pedagogia e o currículo em particular não são feitos apenas de dominação e controle. Deve haver um lugar para a oposição e a resistência, para a rebelião e a subversão” (SILVA, 2004, p. 53). Giroux enxerga que a escola é um local de resistência contra tudo o que é imposto e que deve ser crítica ao que é dominante na sociedade. Assim, ele vê que “O currículo não está simplesmente envolvido com a transmissão de “fatos” e conhecimentos “objetivos”. O currículo é o local onde, ativamente, se produzem e se criam significados sociais” (SILVA, 2004, p. 55).

O currículo é um campo de lutas que permite transformações reais no ambiente escolar. Por este fato, ele não deve ser utilizado como um meio de dominação de uma classe sobre outra, já que este é o formato que a sociedade apresenta. O currículo deve apresentar uma oportunidade de combate a determinadas imposições que, hoje a escola enfrenta. Em aspecto cultural, ele deve ser extensivo, flexível, democrático e servir de apoio para que o aluno compreenda a importância de sua cultura na construção da própria educação. “O currículo, como campo cultural, como campo de construção e produção de significações e sentido, torna-se assim, um terreno central dessa luta de transformação das relações de poder” (MOREIRA; SILVA, 2002, p.30).

Para que o currículo seja colocado em prática e funcione como um organizador dos conhecimentos práticos e sociais sua relação com o poder não pode estar acima da sua relação com o ensino-aprendizagem que não pode ser prejudicado em função da prática do poder e de interesses não vinculados à educação.

2.2 A Cultura e a organização pedagógica

A educação e sua organização pedagógica é uma das maneiras mais presentes de transmissão de cultura. Além da educação, há muitos outros processos culturais que também são ativamente transmissores de cultura, esses outros processos são: museus, filmes, livros, publicidade, artes visuais, a mídia em geral. Ocorre equiparação entre a educação e essas outras instâncias ou processos culturais o que permite dizer que, o cultural torna-se pedagógico e o pedagógico também torna-se cultural. “É dessa perspectiva que os processos escolares se tornam comparáveis aos processos de sistemas culturais extra-escolares, como os programas de televisão ou as exposições de museus, por exemplo, para citar duas instâncias praticamente “opostas” (SILVA, 2004, p. 139).

Essas instâncias culturais não possuem uma organização pedagógica porque não traçam um objetivo de conhecimento a ser passado, a não ser alguns canais educativos ou os museus em visitas que atendem escolas apenas com seus monitores.

Sem ter o objetivo explícito de ensinar alguma coisa, que transmitem uma variedade de formas de conhecimento que embora não sejam reconhecidas como tais são vitais na formação da identidade e da subjetividade. Poderíamos listar o que se aprende vendo, por exemplo, um noticiário ou uma peça de publicidade na televisão. (SILVA, 2004, p.140)

Essas instâncias ou instituições culturais seguem a linha tradicional de conhecimento, onde a arte é vista a distância, intocável, assim sendo, não resta outro veículo para que o professor se utilize com fácil acesso. A televisão possui um forte apelo emocional e é capaz de seduzir seus expectadores para uma leitura e interpretação dirigida. Esse poder de manipulação faz com as pessoas por sua vez comportem-se e pensem conforme são orientadas por esses meios. Os comportamentos presentes nas novelas, o jeito como certo personagem se veste ou seu novo corte de cabelo, tudo sai da ficção e vira a mais pura realidade. É como se vivêssemos a vida daqueles personagens que estão na trama, pois viram assunto nos pontos de ônibus, nos restaurantes, bares etc. As pessoas tomam os problemas como se fossem seus e

discutem saídas para resolver as situações. Isso também ocorre nos noticiários, há uma tendência em omitir ou evidenciar fatos que são de interesse da emissora, tentando, assim, formar uma opinião tendenciosa no telespectador. Na publicidade, o apelo é ainda maior, pois ela está presente em toda programação, não só da mídia televisiva, como também da impressa e pela virtual. Para Kellner (2001, p.128), que analisou as imagens publicitárias criticamente ao longo do tempo, analisando inclusive comportamentos sociais presentes nelas, diz:

Consequentemente, o capitalismo de consumo constitui um tremendo desperdício de recursos e força os/as consumidores/as a pagar altos preços por produtos que são induzidos/as a pensar que precisam para o sucesso, a popularidade, a auto-estima e outras qualidades socialmente desejáveis. Esse processo imoral de desperdício e manipulação numa era de crescente escassez de recursos é um escândalo nacional e levanta a questão do que pode ser feito para combater os excessos do capitalismo de consumo.

A forma como o currículo e a pedagogia das formas culturais difere da pedagógica e do currículo presentes na escola é algo que deve ser levado em consideração. Esses outros meios culturais apelam para outros sentimentos como emoção e fantasia, e também são motivadas por objetivos comerciais, lucro que fazem com que se invista ainda mais, esperando um retorno ainda maior. “A forma envolvente pela qual a pedagogia cultural está presente nas vidas das crianças e jovens não pode ser simplesmente ignorada por qualquer teoria contemporânea do currículo” (SILVA, 2004, p. 140).

Diante desta preocupação da influência em que esses meios culturais exercem nas crianças e jovens, muitos pesquisadores, sobre cultura, focaram seus estudos sobre meios específicos em que a pedagogia e cultura se fazem presentes. No caso de Henry Giroux, ele focou suas pesquisas na pedagogia da mídia, analisando e problematizando as produções culturais da Disney. Joe Kincheloe analisa as peças publicitárias do McDonald's e, Shirley Steinberg analisa os valores morais e sociais presentes no currículo cultural da famosa boneca Barbie.

Com todo esse envolvimento entre a escola, as mídias culturais e currículo, está ocorrendo de maneira cada vez mais forte um apagamento da separação que havia entre a escola e seu currículo e as instâncias ou instituições culturais. Empresas com apelo econômico, voltado para o mercado infantil, têm se utilizado de projetos em escolas para alcançar também esse espaço de transmissão de cultura. Por meio de seus produtos, tentam criar programas educacionais cheios de boas intenções que desenvolvam cidadania, preservação do meio ambiente, lazer, mas que no fundo, a intenção é um marketing que tenha um alcance maior, visto que alcançará não só a criança, mas também seus familiares. A

ideologia presente nos programas também é digna de ser levada em consideração, pois para que tipo de cidadão é interessante que a empresa venda seu produto?

A indústria cultural tem produzido cada vez mais uma cultura de massa que não visa o acesso de todas as camadas aos níveis mais elitizados de cultura. Há uma disseminação de uma cultura sem qualidade, produzida realmente em escala industrial, que não leva em conta o que realmente é cultural do nosso povo. A mistura de culturas e a globalização não só da economia, mas da cultura, também faz com que se aceite tudo o que é vindo de fora e tomado como verdade absoluta. A intenção da indústria cultural é vender a cultura, como se só as coisas que vendem são culturais. Este conceito, de fato, é colocado em prática com o pouco acesso que a maior parte da população tem aos teatros, cinemas, exposições, museus. Sem dúvida são locais para poucos, uma cultura que pouco conhecem, pois possuem um preço elevado para serem freqüentados.

Na escola, a organização pedagógica em torno da arte ainda está retida aos modelos tradicionais direcionados, em que a cultura, o ambiente e a estética são advindos de fora, não proporcionando oportunidade do aluno utilizar-se de seus próprios meios.

No Brasil, Ana Mae Barbosa vem, há muitos anos, batalhando pelo desenvolvimento, em nosso país, de uma visão intercultural para o ensino da arte. São inúmeros os artigos em revistas nacionais e estrangeiras em que a autora aborda o assunto, tanto apresentando problemas e carências, quanto apontando soluções. Em seu livro *A imagem do ensino da arte* (1991, p. 24), marco fundamental da nova abordagem metodológica que vem sendo proposta em nosso país, Ana Mae Barbosa salienta “a idéia de reforçar a herança artística e estética dos alunos com base em seu meio ambiente”. No entanto, ela imediatamente adverte que “se não for bem conduzida, pode criar guetos culturais e manter grupos amarrados aos códigos de sua própria cultura sem possibilitar a decodificação de outras culturas. (RICHTER, 2003, p.47)

Ivone Mendes Richter (2003), descreve em seu livro sua experiência prática com um projeto realizado com mães ou parentes de alunos de uma escola. Sua intenção era “[...] compreender como acontecem as relações estéticas entre a escola e os elementos da sociedade na qual ela se insere [...]” (RICHTER, 2003, p. 54). A idéia era a de pesquisar primeiramente a composição étnica das mulheres que participariam do projeto. O trabalho foi registrado por meio de entrevistas e fotos em que se buscava contemplar a estética familiar presente nas casas das participantes, relacionando-a com sua origem cultural. O modo como arrumam a casa, a decoração, seus afazeres. Essa pesquisa buscou mostrar a presença da cultura, na

comunidade, o que há por detrás dos que freqüentam a escola e como essas mulheres participantes do projeto se vêem e são vistas pelos outros.

Vimos, na pesquisa de campo, desdobrar-se perante nós a mais linda realidade de nossa pluralidade étnica, estética. Através de uma tomada em *close*, muito de perto, observamos cinco mulheres brasileiras, seu ambiente, seu trabalho, seu pensamento, a estética do seu cotidiano.(RICHTER, 2003, p. 87)

A autora ainda completa:

Ao penetrar no ambiente cultural dessas famílias de origens distintas, foi possível perceber, como diz Candau, o quanto é caleidoscópica a nossa herança cultural, e o quanto ainda são detectáveis, em maior ou menos grau, as influências presentes em nossa comunidade oriundas dessas origens. É essa realidade cultural que a(o) aluna(o) leva para a escola, é com essa realidade multifacetada, híbrida, que a(o) nossa(o) estudante chega para nós, professoras(es), para se abrir a novos saberes, mas necessitado de compreensão e conhecimento sobre sua própria cultura. (RICHTER, 2003, p.88)

A organização pedagógica de fato deve preocupar-se, sempre, em considerar as particularidades presentes na comunidade em que a escola está inserida, para que assim as inclua como objeto de estudo, valorizando que há de cultura local, antes que se apresente o que existe fora daquele ambiente. Essa identidade cultural deve ser buscada , valorizando a comunidade e construindo novos conhecimentos a partir do que está ali.

CAPÍTULO III – A CULTURA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Com a evolução dos sistemas educacionais, reconhecimento da importância da escola e a visão da educação como base para um mundo melhor, a escola deixou de ser um local em que apenas se transmitem conteúdos. O seu papel atual tem sido muito maior, o que gera desafios e outros objetivos a serem cumpridos. As evoluções e constantes mudanças do mundo, exigem que a escola tenha por base um aluno melhor preparado para enfrentar os desafios que lhes serão propostos por todos os lados. Alunos com capacidade de uma maior compreensão, com visão mais ampla de situações, questionador, pesquisador, interessado nas coisas que regem o meio em que vive, enfim, um aluno que se preocupe mais em exercer seu papel de cidadão e que esteja preparado para esta função.

Com tantas mudanças e com essa grande missão que a escola tem de preparar o aluno para tais aprendizados, não pode acreditar que os mesmos moldes, da antiga escola baseada em uma visão reprodutora, apenas conteudista, em que apenas o professor transmite o conhecimento seja capaz de suprir essas atuais necessidades de formação do aluno. A escola deve acompanhar essas mudanças, mas sem deixar de cumprir seu papel crucial de ensinar com qualidade e ter forte compromisso com o aprendizado.

Adquirir um alfabetismo crítico no domínio da aprendizagem da leitura crítica da cultura popular e da mídia envolve aprender as habilidades de desconstrução, de compreender como os textos culturais funcionam, como eles significam e produzem significado, como eles influenciam e moldam seus/suas leitores/as. Ao ensinar essas habilidades, experimentei muitas vezes o fortalecimento dos/as estudantes que aprendem a compreender e a avaliar criticamente aspectos de sua cultura que normalmente são tidos como naturais. Invariavelmente, ele/as rapidamente dedicam-se à atividade de adquirir um alfabetismo crítico e rapidamente tornam-se decodificadores e críticos hábeis de sua cultura. (KELLNER, 2001, p. 126)

O alfabetismo crítico citado não deve ser levado apenas para métodos modernos críticos que levam em conta a ideologia marxista, estruturalismo, crítica do mito e do símbolo, entre outras. O professor pode utilizar-se de teorias que busquem apenas emancipar o aluno das imposições existentes na sociedade. Cito Paulo Freire, seguidor da tendência histórico-social dos conteúdos, que busca a ensinar a partir do contexto social. O diferencial do autor para os demais seguidores da tendência são que suas bases críticas para a educação não derivam das marxistas, mas de bases católicas. O que Paulo Freire busca com sua educação é que o aluno atribua significados ao que está aprendendo a partir do que ele convive e assim ir construindo sua identidade cultural e utilizando-a para aquisição de novos conhecimentos.

Seguindo o modelo de Freire, de uma pedagogia emancipatória, o desenvolvimento de um alfabetismo crítico deve fortalecer o poder dos indivíduos, ao capacitá-lo para aprender a ver através das mistificações de seu ambiente, a ver como ele é construído e como funciona e a ver como eles podem se libertar dos aspectos dominantes e opressivos e aprender a refazer a sociedade como uma modalidade do eu e da atividade social. O diálogo é importante nesse processo e sugiro que o ensino de um alfabetismo crítico em relação à mídia é um excelente meio de fazer com que os/as estudantes falem sobre sua cultura e experiência, para articular e discutir a opressão e a dominação cultural. Para os/as estudantes, a familiaridade com a publicidade, a exposição à televisão, ao cinema, à música, etc., possibilita que se envolvam mais prontamente com os artefatos de sua cultura do que com a cultura mais tradicional do livro. A análise de artefatos culturais familiares pode demonstrar a natureza social e culturalmente construída da subjetividade e dos valores, de como a sociedade constrói algumas atividades como tendo valor e como sendo benéficas, enquanto desvaloriza outras. Estudar a cultura popular criticamente pode ensinar os/as estudantes a resistir à imposição de certas atividades (fumo, drogas, competição agressiva, etc.) de papéis e modelos de gênero e de comportamento sexista e racista, ao mostrar que essas atividades e modelos não são naturais, benéficos, e não são nem mesmo evidentemente bons. Essa análise exige um uso cuidadoso da linguagem do valor e da discriminação entre sistemas alternativos de valores e avaliações sociais. (KELLNER, 2001, p. 127)

Infelizmente, o sistema brasileiro de educação não está preparado para formar alunos questionadores e interessados em aprender sempre mais. Ainda estamos presos às teorias clássicas, de transmissão de conteúdos, porque, na realidade, é isso que será cobrado dos alunos quando chegarem ao vestibular. Não acredito que ainda hoje os alunos ainda devem decorar várias fórmulas de todas as disciplinas para mostrar que tem capacidade de adentrar uma universidade pública. Esse parâmetro para se mensurar bons alunos já poderia e deveria ser superado há algum tempo.

Então se a escola tem um papel tão comprometedor com a formação do aluno, que não é mais só a transmissão de conteúdos, como a questão cultural pode auxiliar na formação de cidadãos aptos a agir, enxergar e exercer diferentes papéis na sociedade? Há necessidade de uma nova narrativa para a escola, que leve em conta as prioridades dos alunos e do mundo contemporâneo, para isso é necessário que a escola esteja atenta as mudanças e a essas prioridades.

A escola então deve acompanhar as necessidades atuais dos alunos, de sua comunidade e também do mundo. Para isso, a cultura é um dos pontos fundamentais a serem trabalhados para que ocorra uma libertação de pensamentos e entendimento dos processos sociais pelos quais passamos e nos quais vivemos.

Estas e outras vozes sugerem que o projeto da Escola se insira em uma nova narrativa que dialogue com as situações de mudança que afetam tanto os sujeitos pedagógicos como as relações sociais, as representações culturais e os elementos que constituem as culturas dos grupo-classe. O que significa conhecer não apenas os valores culturais que vêm apoiando ou silenciando com seus objetivos de aprendizagem, mas prestar atenção à maneira como se constroem essas formas de “cultura” dentro e fora da sala de aula. Significa levar a cabo o que Giroux (1996) denomina uma “recuperação cultural”, ação esta que exige que a produção, as experiências de subjetividade e a participação na Escola possam ser abordadas como questões éticas, políticas e pedagógicas. (HERNÁNDEZ, 2007, p.38)

Esta recuperação cultural ocorre quando a escola passa a dar voz, importância e visibilidade àqueles que não os têm. Para isso, é necessário deixar de lado, o lado burocrático que envolve. A pedagogia não pode ser reduzida ao processo de ensino-aprendizagem, mas deve ser vista como uma prática política, o que significa que, os discursos de neutralidade e objetivismo da escola sobre representações identitárias, como as diferentes classes, grupos religiosos, etnias, credos, entre outros, devem ser evitados. Desta forma, a escola deve apresentar um posicionamento claro sobre sua função de ser para todos, já que a educação é um direito garantido para todos os cidadãos, segundo o Artigo 205 da Constituição Federal.

Os Estudos Culturais também rejeitam a noção de pedagogia como uma técnica ou um conjunto de habilidades neutras, argumentando que a pedagogia é uma prática cultural que só pode ser compreendida através de questões sobre história, política, poder e cultura. Dada sua preocupação com a vida cotidiana, sua pluralização das comunidades culturais e sua ênfase num conhecimento que esteja “entre as disciplinas, sem se reduzir a nenhuma ou ao conjunto delas” (Hitchcock, 1993, p. 12), os Estudos Culturais estão menos preocupados com questões de certificação e avaliação do que com a forma como o conhecimento, os textos e os produtos culturais são usados. A pedagogia torna-se, neste caso, o terreno através do qual os/as estudantes discutem, questionam de forma crítica, os diversos discursos e práticas culturais, bem como os meios populares de comunicação com os quais integram em sua existência cotidiana. Na verdade, essa pedagogia examina os fatores históricos, sociais, econômicos e políticos que orientam, atualmente, a preocupação com questões de certificação. (GIROUX, 2001, p. 88)

Geralmente, a escola passa muito mais tempo dedicando-se a casos excepcionais quando eles aparecem dentro dela. Questões religiosas e de sexualidade sempre geram polêmicas entre a escola e comunidade. Algumas religiões não aceitam algumas práticas como a de culto à bandeira, hinos, celebrações de festas, tudo isso é tratado com imparcialidade por ela até que ocorra uma situação em que o aluno tenha participações a cumprir nesse caso. O que muitas vezes ocorre é uma rotulação do aluno e sua completa exclusão de tudo dentro da escola. Ele será fadado a ser um mero estudante, sem voz e sem

direitos por causa de suas escolhas religiosas. Porém, a escola apresenta dificuldades em manter um discurso aberto, contra preconceitos, de aceite a qualquer prática religiosa e esteve disposta a trabalhar isso, ou seja, que esta questão pudesse se tornar um assunto a ser discutido dentro da sala de aula. Para a escola, é menos conflituoso passar por cima das exceções, do que tratá-las e discutí-las como casos ocorrentes, tornando-os assim casos comuns e dignos de atenção e respeito.

Segundo Simon (2001), a afirmativa de que o trabalho pedagógico e política estão ligados de forma simples não pode ser exatamente analisado desta forma. Para o autor:

É importante que a noção particular de “política” compreendida por esta afirmação seja tornada explícita. A escolarização e o ensino podem ser considerados como “políticos” de diversas formas. Em primeiro lugar, e talvez de forma mais comum, está o reconhecimento de que as políticas de currículo, as condições de ensino e as práticas pedagógicas são orientadas pela “política” convencional dos governos estaduais e administrações locais. (SIMON, 2001, p. 67)

A pedagogia com o seu papel político não deve ser utilizada para fins como dominação de classe e partidários. Levar a reflexão dos fatos e oferecer meios para mudança não deve ultrapassar a intenção de desejo por uma educação mais justa e melhor. A ideologia não deve dominar o pensamento do professor, nem fazê-lo achar-se o redentor da sociedade, mas um profissional capaz de possibilitar as pessoas pensar naquilo que nunca haviam pensado antes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visão cultural analisada dentro da escola não interrompe sua pesquisa aqui. É um tema que merece ser estudado e analisado no cotidiano escolar, além de uma maior preocupação com a formação docente neste aspecto. A problemática que envolve a questão cultural é a de que, qual o papel da escola e do professor na transmissão de cultura para o corpo discente e qual o papel da cultura na educação enquanto promotora de novos olhares, novos caminhos para a reflexão e como meio de mudança de reprodução das desigualdades sociais ocorridas na escola.

O conceito de cultura, muitas vezes, não é dado como claro para que se compreenda suas verdadeiras interações com o meio escolar e a educação. A princípio, um conceito bem definido inicia discussão e reflexão sobre todos os aspectos culturais presentes em nosso cotidiano. A estrutura montada nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Pluralidade Cultural se preocupa em utilizar a cultura presente na escola como meio de consertar problemas históricos com as etnias que formaram o povo brasileiro, como os negros e índios. Os conceitos históricos são importantes para que se compreenda a nossa atual situação, mas não é a escola quem deve restituir essas etnias apenas divulgando sua cultura e colocando a disciplina História e Cultura Afrobrasileira e Africana em seu currículo; há uma dívida social com esses povos, de desigualdade de oportunidades de emprego, de acesso a moradias, educação em todos os seus níveis, saúde e direitos em geral. Essa discrepância só será sanada pela escola quando juntas estiverem envolvidas políticas sociais que incluam os direitos de igualdade entre todas as culturas das diferentes etnias.

No Brasil, pelas suas diferenças sociais e econômicas e, com a grande deficiência na formação de professores, o ensino das Artes se torna deficitário, sendo considerado desnecessário. Porém durante esta pesquisa realizada, foi possível observar a importância da Arte como cultura como forma de alfabetizar o olhar e desenvolver o pensamento visual, bem como as palavras e os números.

A montagem de um currículo que valoriza os aspectos culturais presentes na educação favoreceria um melhor entendimento entre o que é papel da escola, na transmissão cultural, do professor e como a educação deve relacionar as mídias visuais transmissoras de cultura, com os conteúdos a serem aprendidos pelos estudantes. O currículo é um campo político, em que sua formulação envolve os interesses políticos não só de quem organiza a educação em geral, mas também das regiões, como secretarias e diretorias. Por isso, o pedagogo deve saber

exatamente sua função dentro da sala de aula, na escola e na comunidade em que vive ou trabalha. Sua importância é muito maior do que a de ensinar a ler, escrever e fazer contas. Ele tem um papel de transmitir cultura, educar para emancipar seus alunos e ensiná-los a serem cidadãos por meio da análise que se deve fazer da sociedade e tudo o que forma, inclusive os indivíduos.

A escola não é o único meio que o aluno convive com a cultura. Os meios de comunicação em massa, a publicidade e a Internet são fontes que os jovens possuem grande acesso e que induzem a uma cultura comercial. Seria uma cultura em que o consumir está acima de qualquer outro interesse, pouco tem a se passar de conhecimentos úteis. Essa indústria cultural, que visa ao lucro é a que hoje mais conquista as crianças, que ainda sem capacidade concreta de julgamento, viram marionetes e consumidoras compulsivas de produtos ditos como culturais. Mesmo entre os mais pobres, as crianças querem se vestir, falar, agir e pensar como as propagandas mostram ser legal, moderno e interessante, pois afinal também são expostas excessivamente ao meios de comunicação de massa, como a televisão.

A escola não deve permanecer indiferente em relação a esse assédio das mídias em vender cultura. Elas inclusive podem ser utilizadas para mostrar o lado contrário, o lado que há por detrás das propagandas e valorizar a cultura que nós próprios carregamos, que nos faz ser quem somos e que deve ser ampliada para nos tornarmos pessoas melhores e livres e não reféns do consumo.

O contexto escolar é um meio de diversas possibilidades. Possibilidades de formar cidadãos, de se criar indivíduos mais cultos, aptos a aprender sempre mais e interessar-se por isso, mas também pode ser um meio de apenas manter o que já está aí. Há uma maior preocupação com números de aprovações, concessão de bolsas, bônus entre outros que formam uma política de meritocracia dentro da educação. O saber é o que menos importa e não existe a necessidade de se formar cidadãos cultos.

O conceito de cultura não é um conceito fechado e único, permite várias interpretações e muitos antropólogos o enxergam sobre diferentes pontos de vista. Dentro da educação, é importante que fique claro que, a cultura está presente no nosso cotidiano e modo como agimos, pensamos e os nossos valores são influenciados pela cultura. Por isso a preocupação em se tratar o tema na escola, pois há uma miscigenação de culturas, que devem ser respeitadas, mas que o aluno aprenda sobre todas as demais e não fique preso a modelos.

Dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que tratam sobre a Pluralidade Cultural, o tema ainda é tratado como resgate histórico das diferentes etnias que formaram o

povo e a cultura brasileira. Não demonstram uma visão crítica ao modo como a cultura é tratada na escola e remete a idéia de que os alunos conheçam as diferenças causadas pela exclusão dos negros e índios, porém sem uma reflexão do que se pode fazer para mudar esta situação.

Dentro das Artes, a cultura passa sempre pelo processo histórico de retratar acontecimentos e expor a cultura daquele momento retratado. O artista por meio de suas representações sempre busca mostrar a possibilidade de novos olhares para suas obras, levando a uma reflexão. Assim, a arte busca formar nas pessoas essa capacidade, de se olhar além do que está representado.

A proposta da escola par o ensino das Artes ainda é pautado em idéias tradicionais que não buscam envolver as diversas linguagem que envolvem o universo da arte. Os moldes usados como base para o ensino das artes ainda estão baseados na exclusão de culturas, ou seja, ela apenas vem de fora, não valorizando-se o que o aluno tem nele, a sua cultura e seu modo de enxergar as expressões artísticas.

A visão da escola sobre a presença da cultura na organização curricular acaba sendo distorcida algumas vezes, por não ficar claro como a cultura organiza o ambiente escolar e a educação transmitida aos alunos naqueles meios. Giroux é um defensor sobre a não neutralidade do currículo, que ele deve ser utilizado para que se crie significados sociais nos alunos e promova as transformações necessárias que vise sempre a uma melhor educação. Porém o currículo não deve ser utilizado como meio de imposição, domínio ou interesses particulares, mas deve levar a reflexão e ser organizado de acordo com as necessidades do ambiente escolar.

A necessidade de uma nova narrativa para a escola, defendida por Fernanda Hernández, nos faz refletir sobre o papel que a escola tem tido perante a educação, a sua comunidade e perante a sociedade. Os planejamentos, a organização do currículo, os projetos a serem desenvolvidos, devem levar em conta o interesse da clientela atendida pela escola. Este ambiente não pode estar a parte dos interesses, deve estar junto, mas sem claro perder sua função primordial que é a transmissão de novos conhecimentos.

A política que envolve a escola e seu aspecto cultural não deve ser ignorada, mas compreendida em quais níveis políticos a cultura presente é envolvida. Os interesses que há por detrás da política e da organização escolar devem ter uma única intenção, promover um melhor ensino e proporcionar uma melhor aprendizagem. A escola não deve ser vista como instituição assistencialista, deve oferecer boas condições de funcionamento, mas não servir de propaganda política ou de palco para campanhas apelativas.

No contexto educacional a inserção da cultura deve promover o que se chama de alfabetismo crítico, que propõe ampliar o campo de compreensão do aluno sobre as diversas linguagens e suas representações e desenvolver habilidades para que isso possa ser feito. Hernández e Kellner defendem essa nova proposta de alfabetização, o primeiro defende por meio de uma cultura visual mais elaborada e tratada a fundo pela escola; o segundo por meios mais políticos e marxistas, mas ambos propõem mudanças para a atual realidade.

A busca por uma identidade cultural dentro da escola deve partir de dentro do aluno para fora. Utilizar o que ele já sabe não é apenas uma proposta pedagógica pautada no construtivismo, mas uma maneira de começar a busca de novos interesses e olhares para a educação, já que ela é tão grandiosa e sustenta um grande poder não pode ser resumida a leitura e escrita. É necessário um entusiasmo maior com a educação, novas possibilidades, novos pensamentos e novas propostas que agreguem a cultura a todas as ramificações que formam a educação em geral, tornando possível a emancipação do pensamento e melhor distribuição do conhecimento.

A presente pesquisa não visa esgotar o assunto, já que o tema conta com pesquisadores que relacionam a cultura, o currículo e a escola. Devemos prestar mais atenção no aspecto cultural que envolve as escolas, pois é pela formação cultural que podemos mudar o que atrasa a nossa educação e dar continuidade ao que é válido e proveitoso.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, P. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. G. (Orgs). *Arte/Educação como Mediação Cultural e Social*. São Paulo: Editora da UNESP, 2008

BONAZZI, M.; ECO, U. *Mentiras Que Parecem Verdades*. São Paulo: Summus, 1980.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DARRAS, B. As várias concepções da cultura e seus efeitos sobre os processos de mediação cultural. In: BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. G. *Arte/Educação como Mediação Cultural e Social*. São Paulo: UNESP, 2008. p. 23-52.

DAVIS, C.; SETÚBAL, M. A. & ESPOSITO, Y. L. *Papel e valor das interações sociais em sala de aula*. Cad. de Pesq. São Paulo, 1989. 71 p.

ELIOT, T. S. *Notas para uma definição de cultura*. Tradução: Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1988.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIROUX, H. A. Praticando Estudos Culturais nas Faculdades de Educação. In: Silva, T. T. da. *Alienígenas na Sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 85-103.

HERNÁNDEZ, F. *Catadores da Cultura Visual*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

KELLNER, D. Lendo Imagens Criticamente: Em Direção a Uma Pedagogia Pós- Moderna. In: SILVA, T. T. da. *Alienígenas na Sala de Aula*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 104- 131.

LARAIA, R. B. *Cultura um conceito antropológico*. 11ªed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. 116p.

MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. da. Sociologia e Teoria Crítica do Currículo: uma introdução. In: _____. *Currículo, Cultura e Sociedade*. 6.ed. São Paulo: Cortez 2002. p. 7-37.

MORIN, E. *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez, 2002.

RICHTER, I. M. *Interculturalidade e Estética do Cotidiano no Ensino das Artes Visuais*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

SANDELLA, L. *Cultura das Mídias*. São Paulo: Experimento, 1992.

SILVA, T. T. da. *Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SIMON, R. I. A Pedagogia Como Uma Tecnologia Cultural. In: SILVA, T. T. da. *Alienígenas na Sala de Aula*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 61-84.